

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

LICENCIATURA PLENA em FILOSOFIA

**A Moral em Friedrich Nietzsche na sua obra Genealogia da Moral**

**Mateus Versiani Queiroz**

ANÁPOLIS –GO – 2014

MATEUS VERSIANI QUEIROZ

A MORAL EM FRIEDRICH NIETZSCHE NA SUA OBRA GENEALOGIA DA  
MORAL

Monografia apresentada  
como requisito parcial à  
obtenção do título de licenciatura  
plena em Filosofia  
pela Faculdade Católica de  
Anápolis.

ANÁPOLIS – GO – 2014

Dedico este presente  
trabalho à minha querida

noiva, Cláudia Maria  
Chaves Pacheco

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, Sumo Bem e autor de toda vida, pelo dom da vida.

Agradeço aos meus pais, Moisés e Nívia, pelo seu amor.

Agradeço à minha irmã Lícia, pela sua amizade.

Agradeço aos mestres da Instituição Faculdade Católica de Anápolis pelo conhecimento transmitido e pela sabedoria partilhada.

Agradeço aos meus amigos Álvaro Henriques, Flávio Romero, Ir.Ezequiel Vinícius,OSB, Ir.JoãoMarcos,OSB, João Felipe Belo e Rômulo Argento, pelo apoio e companheirismo nestes anos.

“Diz o insensato em seu coração:

‘Deus não existe!’”

(Salmo 14,1)

## **RESUMO**

Na obra Genealogia da Moral, o filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche empreende a árdua tarefa de realizar uma crítica radical da moral. Seu voo investigativo abrange longos períodos históricos, onde ele analisa como os valores morais foram inventados pelos homens. Com sua mente perspicaz e seu espírito crítico, Nietzsche alia seu conhecimento filológico à sua intuição para analisar a coluna que sustentava a sociedade europeia. Após expor as transformações realizadas pelo homem na moral, sobretudo com a religião, o autor convida os homens a se libertarem do peso imenso que vêm carregando. Seu pensamento foi profundo o suficiente para atravessar um século e encontrar na sociedade hodierna a acolhida para efetivar suas idéias.

**Palavras-Chave:** Bem e Mal ; Ressentimento; Ideais Ascéticos; Valores.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1.CONTEXTO HISTÓRICO .....	9
1.1. A DISJUNÇÃO DE POLÍTICA E CULTURA.....	9
1.2.O NEO-HUMANISMO.....	10
1.3.A FORMAÇÃO DA UNIDADE ALEMÃ.....	11
1.4.AS TRANSFORMAÇÕES DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO .....	12
1.5.NIETZSCHE E A CULTURA.....	12
1.6.OS VALORES MORAIS .....	13
1.7.A AMIZADE E O ROMPIMENTO COM WAGNER E SCHOPENHAUER .....	14
2.BOM E MAU .....	16
2.1 A ORIGEM DA MÁ CONSCIÊNCIA .....	17
2.2.PECADO E O IDEAL ASCÉTICO.....	22
3.ESTATUTO ONTOLÓGICO DE VALOR .....	26
3.1. VALORES MORAIS.....	28
3.2.BONDADE .....	28
3.3.CONSCIÊNCIA .....	29
3.4.PAIXÃO .....	30
3.5. VIRTUDE .....	31
3.6. O AMOR.....	32
CONCLUSÃO .....	34
REFERÊNCIAS.....	35

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo, empreender um estudo do livro Genealogia da Moral de Friedrich Wilhelm Nietzsche, apresentando o desenvolvimento do pensamento do autor na questão da moral. A obra Genealogia da Moral, apesar de seu sentido de unidade, tem características específicas em cada uma de suas três partes. A primeira dissertação apresenta os conceitos “Bom” e “Mau”. Na segunda dissertação é apresentada a origem dos conceitos de “Culpa” e “Má Consciência. Continuando seu desenvolvimento, na terceira parte o autor trata o que são os ideais ascéticos. Neste presente trabalho apresentamos no primeiro capítulo o contexto histórico no qual o autor viveu. No segundo capítulo desenvolvemos os conceitos de “Bom” e “Mau”, assim como “a origem da má consciência” e o “pecado e o ideal ascético”. Por fim, no terceiro capítulo a realidade ontológica dos valores, baseando-nos nas investigações do filósofo Battista Mondin. Neste último capítulo são apresentados os argumentos que fundamentam a verdade dos valores morais. Por conseguinte são abordadas as dimensões antropológicas da bondade, da consciência, da paixão, da virtude e do amor, indispensáveis para uma compreensão do homem e sua distinção em referência aos valores morais.



## 1.CONTEXTO HISTÓRICO

Antes de falarmos de Nietzsche e expormos sua argumentação na obra Genealogia da Moral acerca da Moral Cristã, devemos conhecer as transformações na época que o autor vive. Neste período do século XIX, a Alemanha passa por profundas transformações econômicas e políticas: a implantação tardia da indústria, o aparecimento de novas camadas sociais, a unificação dos Estados alemães em torno da Prússia. Também surgiram mudanças na esfera da cultura e da educação. É contra elas que o filósofo se posiciona. A necessidade de elencar estes fatores se fazem determinantes para compreendermos as influências que o ambiente social exerceu sobre a vida e a produção intelectual de Friedrich Nietzsche.

### 1.1.A DISJUNÇÃO DE POLÍTICA E CULTURA

Segundo ScarlettMarton<sup>1</sup> para melhor entender o processo histórico se faz indispensável nos remontarmos ao tempo. A Alemanha do século XVI, pós Reforma protestante, possui algumas características que a determinam profundamente, é fortemente particularista, patriarcal e com acentuada hierarquia social. O território onde a nação alemã vai se estabelecer durante o século XIX encontra-se dividido em mais de trezentos Estados independentes e autônomos; os príncipes possuem o poder para governarem livremente a política territorial e os negócios estrangeiros. Os cidadãos, por sua vez, não tomam muitas iniciativas, mas cumprem seus deveres com obediência cega.

---

<sup>1</sup> . Cf.MARTON, Scarlett. **Nietzsche A Transvaloração dos Valores**.São Paulo: Editora Moderna.p.10.

Os intelectuais alemães não conseguem encontrar oportunidades neste contexto preenchido de coerções e restrições. Portanto, atravessam os limites territoriais para criarem uma cultura além fronteiras. Esta disjunção entre cultura e política marca este período da história alemã.

No século XVIII surge na Europa uma nova Filosofia, esta é a Filosofia das Luzes, ou Iluminismo, em alemão este termo se traduz por Aufklärung. Os filósofos se concebiam a si mesmos como inimigos das “trevas” da ignorância, da superstição e despotismo. Os pensadores alemães, franceses e ingleses partem dos mesmos princípios mas se atêm a questões diferentes. Entretanto, todos eles consideram a capacidade racional algo que o homem adquire e amplia ao colocá-la em prática; portanto, a razão não pode se submeter a nenhuma autoridade. Na Alemanha, os filósofos se interessam pela questão da cultura. Eles não se interessam pelas diferenças entre os Estados ou as questões sociais, mas desejam realizar um tipo superior de humanidade, e isto se realizaria através da cultura. “Não existem interesse nem objeto de atividade para os homens que não se colocam à altura das mais vastas concepções”<sup>2</sup>, afirmará Madame de Staël.

## 1.2.O NEO-HUMANISMO

É neste contexto de disjunção cultural e política na Alemanha que surgem, em torno de 1790, os neo-humanistas. Na filosofia, “o termo humanismo designa toda doutrina que situa o homem no centro de sua reflexão e se propõe por objetivo procurar os meios de sua realização”<sup>3</sup>. Os neo-humanistas alemães consideravam a cultura e a civilização gregas o ápice da perfeição do humano; não é fruto do acaso as obras deste período conservarem, através dos tempos, valores universais. Eles, portanto, se propõem a retomar antigos ideais pois identificam o espírito grego ao alemão. Esta valorização do gênio alemão não possuía interesses nacionalistas, mas visava o combate às imitações dos costumes e letras estrangeiras.

---

<sup>2</sup>Cf.Op.Cit. p. 11

<sup>3</sup>JAPIASSÚ,Hilton;MARCONDES,Danilo.**Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,2001.

O projeto dos neo-humanistas é de formarem homens cultos, com a capacidade de exercitar de maneira plena e harmônica suas potencialidades. Seu desejo é transformar o caráter do estudante e fazer dele um novo homem, embebê-lo de cultura clássica. Por isso, o ensino deve possuir uma pureza e se desvencilhar de qualquer pretensão prática; a cultura não deve possuir intenção utilitária. Para eles, o conhecimento prático que emerge da vida cotidiana, os progressos no âmbito técnico e na organização político-social possuem problemas insignificantes quando comparados às questões fundamentais da condição humana. A melhor maneira de servir à humanidade é entregar-se ao árduo e penoso trabalho de cultivar o próprio espírito.

No início do século XIX cresce dentro do povo alemão um sentimento nacionalista. Esta idéia remete-se diretamente a um conjunto de indivíduos ligados pelas mesmas origens, costumes, crenças e tradições. Contudo, este sentimento ainda não possuía o vigor necessário para unir os povos de todos os Estados. Foi após as invasões napoleônicas que este sentimento se solidificou. A Prússia permitiu que houvesse esta passagem a fim de que o nacionalismo pudesse surgir. As idéias românticas tornam-se mais populares; a noção de povo ganha força. Os germânicos se reconhecem como indivíduos da mesma raça e da mesma língua.

### **1.3.A FORMAÇÃO DA UNIDADE ALEMÃ**

Diferentemente de outras nações, o processo de industrialização na Alemanha só veio a ocorrer no início do século XX. A Alemanha das empresas familiares transformou-se na Alemanha das grandes indústrias. Com força e audácia a nova burguesia propõe mudanças ante os príncipes governantes, dentre suas principais reivindicações, está a unidade nacional.

O processo de unificação dos trinta e nove Estados alemães ficou a cargo da Prússia. Era necessário iniciar uma guerra a fim de unificar os interesses dos diferentes estados. A unificação das forças para derrotar o inimigo externo que os ameaçava poderia fortalecer o sentimento nacionalista e proporcionar o surgimento da nação e da identidade

alemã. Foi com a ajuda de Otto Von Bismarck que a Alemanha entrou em conflito com a França terminando esta guerra com a derrota nas mãos. Contudo, uma nova era já havia iniciado, em 1871 nasce um novo império: o II Reich.

#### **1.4.AS TRANSFORMAÇÕES DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO**

Com a unificação dos Estados alemães, surgem novas demandas. Surge a necessidade de uniformizar a cultura e o ensino. Com a proliferação das indústrias, seus proprietários necessitam de uma adequada qualificação profissional para seus funcionários. Ao contrário do que ocorria no século XVII, quando a cultura deveria ser uma criação desinteressada, desvinculada de necessidades práticas ou comerciais, agora ela se vê dependente das exigências do momento, dos caprichos da moda, dos ditames da opinião pública.

Longe de preservar uma educação pura, voltada para o desenvolvimento integral e autônomo do indivíduo, cultivando seu espírito, a Alemanha se preocupa em criar centros de especialização técnica e institutos profissionais. Esta prioridade enfraquece os estudos nas universidades, a educação e a cultura sucumbem ao fenômeno da quantidade.

#### **1.5.NIETZSCHE E A CULTURA**

Ainda segundo Marton<sup>4</sup> Nietzsche foi capaz de perceber estas mudanças culturais. O povo alemão acreditava que possuía uma verdadeira cultura enquanto, segundo Nietzsche, eles viviam na miséria. Esta constatação está fundamentada no fato de que a sociedade já não buscava a cultura por si mesma. Antes, esta mesma cultura se tornou objeto de consumo, tornando-se venal. Devido ao crescimento de produção cultural, estestornaram-se massificados e perderam sua vitalidade primordial. O filósofo enxerga as pessoas adquirirem cultura apenas para se capacitarem para ganhar dinheiro ou ingressar

---

<sup>4</sup> Cf. Marton, S. p. 17ss.

nos quadros de funcionários do Estado. Portanto, a formação individual deveria acontecer de forma acelerada, a fim de que os postos de trabalho pudessem ser alcançados. Devido a esta necessidade, a cultura não era vista como um fim em si mesmo, sinônimo do aprimoramento do espírito mas, pelo contrário, como meio necessário para formação profissional.

Segundo Nietzsche, para que a cultura possa se desenvolver o indivíduo deve salvaguardar a liberdade interior e se impor, ao mesmo tempo, rigorosa disciplina. Esta liberdade está diretamente condicionada a levar a cabo uma rebelião contra qualquer autoridade, conseqüentemente contra toda crença. Ao retomar idéias dos neo-humanistas, Nietzsche compõe sua própria compreensão de cultura. Ela deveria possuir características cosmopolitas, ser produzida individualmente, além de ser uma criação desinteressada.

## 1.6.OS VALORES MORAIS

Nietzsche tem um senso crítico muito acentuado em relação às transformações sociais, políticas e econômicas que estão acontecendo em seu país. Durante a juventude exalta a pedagogia grega como modelo e padrão de cultura. Mas, a preocupação que o domina e que está presente em suas obras, se refere aos valores morais.

Criado numa família luterana, desde a adolescência Nietzsche interessa-se pela questão do mal. Pretende, num primeiro momento, aprofundar-se nos estudos teológicos. Quando, já na universidade, renuncia a esse projeto, passa a dedicar-se ao estudo do grego; quer tornar-se helenista. Através da filologia clássica, entra em contato com os escritos pré-socráticos e, por essa via, chega à filosofia. Mas tarde, num de seus livros, *Para a genealogia da moral*, relata: “De fato, já quando rapaz de treze anos, o problema da origem do mal me perseguia: foi a ele que, em uma idade em que se tem ‘metade brinquedos de criança, metade Deus no coração’, dediquei meu primeiro exercício filosófico de escrita – e, no tocante à minha ‘solução’ do problema daquela vez, dei a Deus, como é justo, a honra, e diz dele o *pai* do mal.(...) Felizmente aprendi a tempo a separar o preconceito teológico do moral, e não procurei mais a origem do mal *atrás* do mundo. Algo da escolaridade histórica e filológica, inclusive um inato sentido seletivo em vista das questões psicológicas em geral, transmudou em breve meu problema neste outro: sob que condições

inventou-se o homem aqueles juízos de valor, bom e mau? E que valor têm eles mesmos?<sup>5</sup>

### **1.7.A AMIZADE E O ROMPIMENTO COM WAGNER E SCHOPENHAUER**

Nietzsche foi chamado a ser professor de filologia na Universidade da Basileia, quanto tinha apenas 24 anos. Na universidade mantém amizade com o famoso historiador Jakob Burckhardt. Exatamente neste período encontra o músico Richard Wagner. Nietzsche percebeu que através das obras musicas de Wagner a cultura contemporânea poderia receber uma renovação.

Ao entrar em contato com a leitura de Schopenhauer Nietzsche é tomado de fascínio. Influenciado pelo pensamento deste filósofo, começa a conceber a vida como uma irracionalidade cruel e cega, de destruição e dor. Com o intuito de combater a dor que a vida proporciona, Nietzsche propõe a arte como remédio capaz de conceder ao sujeito o alívio e a força necessária para reverter estas forças negativas.

O profundo desejo de renovar a cultura alemã e o espírito dos homens livres fez com que Nietzsche enxergasse nos trabalhos de Wagner e no pensamento de Schopenhauer fundamentos sólidos para construir uma cultura autêntica e pura. Entretanto, após desentendimentos e discussões, o laço de amizade e admiração com os “companheiros de batalha” é rompido definitivamente. Friedrich percebeu que Wagner lisonjeava todo espírito niilista (budista) e o camuflava com a música, bajulando toda cristandade. Admitiu que Wagner não era o instrumento de renovação da música. Quanto a Schopenhauer, dá-lhe o título de herdeiro da tradição cristã; possuidor de um pessimismo resignado do romantismo, fuga da vida.

Ao se afastar de seus “mestres” se afasta do idealismo que, em sua opinião, cria um “anti-mundo”. Igualmente se afasta do positivismo; de acordo com Nietzsche, esta corrente de pensamento possui a louca pretensão de dominar a vida com pobres redes teóricas. Também não aceita os pensamentos dos redentores socialistas, nem tampouco a incipiente

---

<sup>5</sup>Marton,S. p.21-22.

teoria da evolução, segundo ele, mais afirmada que provada. É em nome do instinto de Dionísio e do homem grego sadio do século VI a.C que “ama a vida” que Nietzsche anuncia “a morte de Deus” e desfere um ataque decisivo contra o Cristianismo.

Nas palavras de Nietzsche, segundo Giovanni Reale e Dario Antiseri:

Deus está morto: “*Nós o matamos; eu e vós. Somos seus assassinos!*” Eliminamos Deus da nossa vida; e, ao mesmo tempo, eliminamos aqueles valores que eram o fundamento de nossa vida; perdemos os pontos de referência. Isso equivale a dizer que desapareceu o *homem velho*, mesmo que o homem novo ainda não tenha aparecido. Zarathustra anuncia a morte de Deus; e sobre suas cinzas exalta a idéia do super-homem, repleto do ideal dionisíaco, que “ama a vida e que, esquecendo o ‘céu’, volta à sanidade da ‘terra’.”<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup>Reale, G. **História da Filosofia, 6: de Nietzsche à Escola de Frankfurt** / G. Reale, D. Antiseri; [tradução Ivo Storniolo]. – São Paulo: Paulus, 2006. – (Coleção história da filosofia; 6).

## 2.BOM E MAU

No primeiro dos três ensaios da obra genealogia da moral, Nietzsche nos convida a imaginar uma sociedade que é dividida em dois distintos grupos: um grupo militar e politicamente dominante de "mestres", que exercem o controle absoluto sobre um grupo completamente subordinado de "escravos". Os "mestres" neste modelo são interpretados como poderosos, ativos, que vivem uma vida relativamente irrefletida, baseada em sua força física e sua auto-afirmação: eles bebem, brigam, eles caçam, sempre onde a fantasia os levar. Eles são poderosos o suficiente, de modo geral, para ter sucesso na maioria dos seus esforços, e desinibidos o suficiente para desfrutar a vida desta maneira.

Eles usam o termo "bom" ,de certa forma, para se referirem e aprovar esta vida e para mostrar que eles são capazes de conduzi-la assim. Em uma reflexão tardia, eles também, por vezes, empregam o termo "mau" para se referir a pessoas – notavelmente, os "escravos" - que, em virtude de sua fraqueza, não são capazes de viver a vida de auto-afirmação e exuberância física que eles gozam. Os termos "bom" e "mau" formam então a base de uma variedade de diferentes moralidades dos "mestres".

Um dos eventos mais importantes da história ocidental ocorre com a revolta dos escravos contra a forma de valoração dos senhores. Os escravos são, afinal de contas, não só fisicamente fracos e oprimidos são, também, em virtude da sua debilidade, impedidos de versuas vidas espontaneamente de forma positiva. Portanto, eles desenvolvem uma reação e um sentimento negativo contra seus mestres opressivos que Nietzsche vai chamar de *ressentiment*:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se tona criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a



verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtem reparação.<sup>7</sup>

E este ressentimento eventualmente se transforma em criatividade. Isto permite aos escravos realizarem uma vingança contra seus mestres, contudo, apenas no plano da imaginação, pois eles ainda são muito fracos para machucarem seus mestres fisicamente. A partir desta forma de vingança dá-se início a invenção de um novo conceito associado a uma nova forma de valoração: o ‘mau’.

Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e *este* Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este *necessário* dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação.<sup>8</sup>

O conceito “Mau” é utilizado pelos escravos para se referirem, como forma de desaprovação, ao estilo de vida que os mestres levam (chamada por estes de “bom”). Na moralidade “escrava” esta negatividade do termo “mau” é central, dado que agora nasce nos escravos uma pálida esperança de afirmação pessoal, pois eles não se vêem vivendo como seus mestres, numa vida má. Na boca dos escravos, “bom” não se refere a uma vida de robusta vitalidade, mas a uma vida “não-má”, de maneira alguma parecida com a vida que seus mestres vivem. Através de uma variedade de invenções conceituais (notavelmente, “vontade livre”), os escravos estilizam sua própria fraqueza natural em resultado de uma escolha, de modo a reivindicarem um crédito moral. A moralidade ocidental tem travado historicamente uma luta entre os elementos que derivam de uma forma de valoração derivada dos “mestres” e outra derivada dos “escravos”.

## 2.1A ORIGEM DA MÁ CONSCIÊNCIA

---

<sup>7</sup> Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. **Genealogia da moral: uma polêmica**/Friedrich Nietzsche; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.26.

<sup>8</sup> Nietzsche, F. 2009., p.26.

No segundo ensaio, Nietzsche desenvolve uma história extraordinária sobre as origens e emergência dos sentimentos de responsabilidade e de dívida (obrigação pessoal). Ele está preocupado nada mais do que com a evolução da mente humana e como suas formas básicas de pensar passaram a existir, assim como inferir, calcular, pesar e antecipar. Na verdade, ele aponta que nossa palavra "homem" (*Mann*) indica um ser que tem valor, medida e pesa. Nietzsche faz questão de chamar a atenção do leitor para o que ele considera como uma visão histórica importante: a direção moral do conceito de "culpa" descende do conceito material de "dívidas". Nesta esfera de obrigações legais, ele destaca que encontramos a terreno fértil do mundo "moral conceitual" de *consciência, culpa e dever*.

Através da punição ao devedor, o credor participa de um *direito dos senhores*; experimenta enfim ele mesmo a sensação exaltada de poder desprezar e maltratar alguém como "inferior" – ou então, no caso em que o poder de execução da pena já passou à "autoridade", poder ao menos vê-lo desprezado e maltratado. A compensação consiste, portanto, em um convite à crueldade. Nesta esfera, a das obrigações legais, está o foco de origem desse mundo de conceitos morais: "culpa, "consciência", "dever", "sacralidade do dever" – o seu início, como no início de tudo grande na terra, foi largamente banhado de sangue.<sup>9</sup>

Nietzsche inicia sua segunda dissertação chamando a atenção para uma paradoxal tarefa de natureza, isto é, a de criação de um animal a quem é sancionada uma promessa e assim passa a existir como uma criatura do tempo. Uma criatura que pode se lembrar do passado e antecipar o futuro, uma criatura que pode, no presente, ligar sua própria vontade em relação ao futuro na certeza de que ele vai conseguir efetivamente, no futuro, lembrar ao que sua vontade foi vinculada.

Por este cultivo eficaz da memória e da imaginação ser bem sucedido, a cultura precisa trabalhar contra a força ativa do esquecimento que desempenha uma importante função psicológica. O exercício de uma memória da vontade supõe que o animal humano possa fazer uma distinção entre o que acontece por acaso e o que acontece através de um projeto ou por uma intenção, isto também pressupõe uma capacidade de pensar causalmente sobre um futuro antecipado.

---

<sup>9</sup> Cf. Nietzsche, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p.50.

Na segunda seção, Nietzsche torna explícito que o que ele a tratar é a “longa história da origem da *responsabilidade*”<sup>10</sup>. O cultivo satisfatório de um animal sancionado a realizar promessas requer um trabalho pelo qual o homem se torna algo regular, confiável, uniforme. Isto foi alcançado pelo que Nietzsche denomina de "moralidade do costume" e da “camisa de força social" que a impõe. O processo de disciplinar o humano animal em um agente, que possui um senso de responsabilidade, por suas palavras e ações, não ocorreu através de métodos suaves mas através de medidas duras e cruéis de coerção e punição. O problema para a cultura é que ela tem de lidar com um animal que é parcialmente opaco, que tem uma mente desatenta e uma forte propensão a um esquecimento ativo. Na maioria das sociedades e épocas este problema não foi resolvido por métodos suaves: “Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de *causar dor* fica na memória”<sup>11</sup>. Na visão de Nietzsche é que, sem sangue, tortura e sacrifício, incluindo as “repugnantes mutilações", o que conhecemos como "consciência" nunca teria surgido.

todas as religiões são, no seu nível mais profundo, sistemas de crueldades – tudo isso tem origem naquele instinto que divinizou na dor o mais poderoso auxiliar da mnemônica. Em determinado sentido isso inclui todo ascetismo: algumas idéias devem se tornar indeléveis, onipresentes, inesquecíveis, “fixas”, para que todo o sistema nervoso e intelectual seja hipnotizado por essas “idéias fixas”.<sup>12</sup>

O fruto deste trabalho de Cultura realizada no homem no período pré-histórico é o indivíduo soberano que é dono de uma forte e durável vontade, uma vontade que pode realizar e manter promessas. Nesta perspectiva, a liberdade da vontade é uma conquista da cultura, e opera no contexto de práticas materiais específicas e relações sociais. Nietzsche classifica este indivíduo como *livree supra-moral* : é supra-moral simplesmente no sentido de que ele conseguiu atingir um nível além do costume. Ele possui sua própria *medida de valor*. Para Nietzsche o período da moralidade do costume pré-data ao que nós chamamos de história do mundo e está a ser considerada como o período histórico decisivo, que determinou o caráter do homem. O sublime trabalho da moralidade pode ser explicado como o trabalho natural e necessário da cultura (da tradição e do costume). O indivíduo soberano é o tipo do animal auto-regulador que é necessário para as funções essenciais

---

<sup>10</sup> Ibidem.2009.,p.44.

<sup>11</sup> Nietzsche,F.2009. p.46.

<sup>12</sup> Ibidem., p.47.

dacultura (por exemplo, o bom funcionamento das relações entre credor-devedor). Ele não pode ser tomado como seu ideal em qualquer simples e posterior sentido.

Nietzsche avança, ainda que de forma preliminar, em sua própria teoria sobre a origem da má consciência. Assim ele olha para ela:

já não posso me furtar a oferecer uma primeira, provisória expressão da minha hipótese sobre a origem da “má consciência”: não é fácil apresentá-la, e ela necessita ser longamente pensada, pesada, ponderada. Vejo a má consciência como a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu – a mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz. –(..) subitamente seus instintos ficaram sem valor e “suspensos”. A partir de então deveriam andar com os pés e “carregar a si mesmos”, quando antes eram levados pela água: havia um terrível peso sobre eles.<sup>13</sup>

Agora, portanto, os seres humanos andam comose um peso terrível estivesse sobre eles. Neste novo cenário os velhos instintos animais, como a hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição não deixam de fazer suas reivindicações, contudo, temos que encontrar novas esubterrâneas satisfações. Através da *interiorização do homem*, em que os instintos descartáveis já não voltam para a interioridade, surge a invenção do que é popularmente chamado de alma humana:

Todo o mundo interior, originalmente delgado, como que entre duas membranas, foi se expandindo e se estendendo, adquirindo profundidade, largura e altura, na medida em que o homem foi *inibido* em sua descarga para fora.(...) – fizeram com que todos aqueles instintos do homem selvagem, livre e errante se voltassem para trás, *contra o homem*.<sup>14</sup>

Nietzsche insiste que esta é a origem da má consciência. Ele usa imagens marcantes em seu retrato deste importante desenvolvimento. Por um lado, Nietzsche aproxima-se da má consciência considerando-a como a doença mais insidiosa que se formou e da qual o homem ainda tem que se recuperar, a doença do homem *com o homem*, *consigo*. Por outro lado, ele afirma que “uma alma animal se voltando contra si mesma”<sup>15</sup> é

---

<sup>13</sup> Cf. Nietzsche, F.2009., p.67.

<sup>14</sup> Nietzsche, F.2009., p.67.

<sup>15</sup> *Ibidem.*, p.68.

um evento e um espetáculo “demasiado fino, portentoso e paradoxal para que pudesse acontecer absurdamente despercebido, num astro ridículo qualquer!”<sup>16</sup>.

Além disso, como o desenvolvimento foi antes de tudo um *ressentiment*, e que não pode ser nomeado para representar qualquer assimilação orgânica em novas circunstâncias, a má consciência contribui para o aparecimento de um animal na terra que:

ele desperta um interesse, uma tensão, uma esperança, quase uma certeza, como se com ele algo se anunciasse, algo se preparasse, com se o homem não fosse uma meta, mas apenas um caminho, um episódio, uma ponte, uma grande promessa.<sup>17</sup>

Nietzsche observa que embora represente um crescimento doloroso e feio, a má consciência não é simplesmente para ser vista em termos depreciativos; na verdade, ele fala da má consciência *ativa*. Ela pode ser considerada como o “verdadeiro ventredos acontecimentos ideais e imaginosos”<sup>18</sup>; através dela umaprofusão de “beleza e afirmação nova e surpreendente”<sup>19</sup> foi trazida à luz.

No curso da história a doença da má consciência atingiu um pico sublime e terrível. Na pré-história, argumenta Nietzsche, a relação básica entre credor e devedor dá forma à atividade humana econômica e social, que também encontra expressão em ritos religiosos e de culto, por exemplo, a forma como uma comunidade tribal expressa seu agradecimento às gerações anteriores.

A geração que vive sempre reconhece para com a anterior, e em especial para com a primeira, fundadora da estirpe, uma obrigação jurídica. A convicção prevalece de que a comunidade subsiste apenas graças aos sacrifícios e às realizações dos antepassados – e de que é preciso lhes pagar isso com sacrifícios e realizações: reconhece-se uma *dívida* [*Schuld*].<sup>20</sup>

Ao longo do tempo, o ancestral é transformado em um deus e associado com o sentimento de medo (o nascimento da superstição). O Cristianismo, ainda mais, cultiva em

---

<sup>16</sup> Ibidem.

<sup>17</sup> Cf. Nietzsche, F. 2009., p.68.

<sup>18</sup> Ibidem, p.70.

<sup>19</sup> Ibidem, p.70.

<sup>20</sup> Ibidem. p.71.

sua essência a moral ou o religioso sentimento de dívida, e o faz em termos de um nível verdadeiramente monstruoso de sentimento sublime: Deus está colocado como o ancestral primaz que não pode ser pago.

O sentimento de culpa em relação à divindade não parou de crescer durante milênios, e sempre na mesma razão em que nesse mundo cresceram e foram levados às alturas o conceito e o sentimento de Deus.(..) O advento do Deus cristão, o deus máximo até agora alcançado, trouxe também ao mundo o máximo de sentimento de culpa.<sup>21</sup>

## 2.2.PECADO E O IDEAL ASCÉTICO

O sentimento de "culpa" tem evoluído através de vários importantes e fatídicos eventos na história. Nas primeiras sociedades, uma pessoa é mantida responsável por seus atos e obrigada a honrar suas dívidas. No curso da história, este sentido material da obrigação é cada vez mais sujeito à moralização, atingindo seu ápice como culpa diante do Deus cristão. No terceiro ensaio da obra “Genealogia da Moral”, Nietzsche insere a figura do sacerdote ascético. Nietzsche havia introduzido os padres em seu primeiro ensaio, “Bom e Mau”, como uma facção da classe dominante dos mestres que se distinguem dos outros mestres por uma extrema preocupação com a pureza.

(...) o fato de a casta mais elevada ser simultaneamente casa sacerdotal e, portanto, preferir para sua designação geral um predicado que lembre sua função sacerdotal. É então, por exemplo, que “puro” e “impuro” se contrapõem pela primeira vez com distinção de estamentos; aí também se desenvolvem depois “bom” e “ruim”, num sentido não mais estamental.<sup>22</sup>

Originalmente esta preocupação não é mais do que uma variante da superioridade da classe dos mestres como um todo sobre os escravos: os sacerdotes são mestres e, assim, podem dar-se ao luxo de se lavar, usar roupas limpas, evitar certos alimentos malcheirosos ou não saudáveis etc. Os escravos não gozam deste luxo. A pureza sacerdotal, no entanto, possui uma perigosa tendência para tornar-se cada vez mais extrema e possuir formas mais e mais internalizadas. Os sacerdotes tornam-se especialistas em

---

<sup>21</sup> Cf. Nietzsche, F. 2009., p. 73.

<sup>22</sup> Nietzsche, F. 2009., p. 21.

ascetismo e em lidar com todas as formas de sofrimento humano. É nas mãos do padre, um artista em sentimentos de culpa, diz Nietzsche, que a culpa assume forma e conteúdo:

O “pecado”- pois assim se chama a reinterpretação sacerdotal da “má consciência” animal (da crueldade voltada para trás) – foi até agora o maior acontecimento na história da alma enferma: nele temos o mais perigoso e fatal artifício da interpretação religiosa.<sup>23</sup>

O valor da existência sacerdotal, diz Nietzsche, está no fato de que ele consegue mudar a direção do *ressentiment*:

ele combate, de modo sagaz, duro e secreto, a anarquia e a autodissolução que a todo momento ameaçam o rebanho, no qual aquele mais perigoso dos explosivos, o *ressentimento*, é continuamente acumulado. Descarregar este explosivo, de modo que ele não faça saltar pelos ares o rebanho e o pastor, é a sua peculiar habilidade, e suprema utilidade; querendo-se resumir numa breve fórmula o valor da existência sacerdotal, pode-se dizer simplesmente: o sacerdote é aquele que *muda a direção* do ressentimento.<sup>24</sup>

No primeiro ensaio, vimos os escravos nas garras de um ressentimento criativo dirigido contra os mestres que poderia ser expresso nos seguintes termos: eles - os mestres - são "maus", ao passo que nós somos “não-maus” (portanto, “bons”). A invenção do conceito de “mal” é historicamente importante, contudo, ainda não resolve o problema dos escravos. Na verdade, de certa forma, se fez mais sutil: Se somos bons, por que sofremos? Nietzsche crê que a resposta correta para essa questão é a de que os escravos sofrem porque são inerentemente fracos, e é simplesmente um fato biológico que alguns seres humanos são muito mais fracos do que outros, seja por natureza, ou como resultado de circunstâncias adversas. Esta resposta, no entanto, é uma apenas, não se pode esperar que nenhum escravo seja capaz de tolerar esta situação porque isto parece tornar sua situação ainda mais desesperada e irremediável, o que, de fato, Nietzsche pensa que é. Os seres humanos podem suportar o sofrimento, o que eles não podem suportar é o sofrimento aparentemente sem sentido, e isto é o sofrimento dos escravos. Não possui nenhum significado, é um mero fato

---

<sup>23</sup> Ibidem.p.120.

<sup>24</sup> Nietzsche,F. 2009.,p.107.

bruto. A intervenção dos sacerdotes consiste em fornecer aos escravos uma maneira de interpretar o seu sofrimento que, pelo menos, lhes permite conceder algum sentido. O ressentimento, outrora dirigido aos mestres, é agora transferido pelos escravos para eles mesmos. O doente, escravo sofredor se torna um "pecador":

Eu sofro: disso alguém deve ser culpado – assim pensa toda ovelha doente. Mas seu pastor, o sacerdote ascético, lhe diz: “Isso mesmo, minha ovelha! Alguém deve ser culpado: mas você mesma é esse alguém – somente você é culpada de si!...” Isto é ousado bastante, falso bastante: mas com isto se alcança uma coisa ao menos, com isto, como disse, a direção do ressentimento é mudada.<sup>25</sup>

Além deste diagnóstico da causa do sofrimento os sacerdotes também têm uma proposta terapêutica. Desde que o "mal" designa o tipo de intensa vitalidade que os mestres expõem em suas vidas, a forma de escapar dela é se engajando em uma espiral progressiva de formas de auto-abnegação e auto-negação. A longo prazo, esta terapia faz com que a "doença" original – o sofrimento que resulta da fraqueza humana - piore, mas no curto prazo de 2.000 anos ou mais, ela mobilizou a energia de comando, que os escravos em serviço possuíam, de criar o que conhecemos hoje como cultura ocidental.

O "instinto-curandeiro da vida"<sup>26</sup> operado através do sacerdote, em que as idéias de “culpa”, “pecado”, “corrupção”, e assim por diante, servem "para tornar os doentes inofensivos até certo ponto"<sup>27</sup>, onde os instintos do sofredor são aproveitados “para o fim de autodisciplinamento, autovigilância, autosupressão”<sup>28</sup>.

a “natureza pecaminosa” do homem não é um fato, mas apenas a interpretação de um fato, ou seja, uma má disposição fisiológica – vista sob uma perspectiva moral-religiosa que para nós nada mais tem de imperativo. – Que alguém se sinta “culpado”, “pecador”, não demonstra absolutamente que tenha razão para sentir-se assim; tampouco alguém é são apenas por sentir-se são.<sup>29</sup>

O remédio sacerdotal para o sofrimento humano é o ideal ascético, o ideal de um humano que se virou completamente contra si mesmo, ou uma abnegação como

---

<sup>25</sup> Cf. Nietzsche, F. 2009., p.109.

<sup>26</sup> Ibidem.

<sup>27</sup> Ibidem.

<sup>28</sup> Ibidem.

<sup>29</sup> Cf. Nietzsche, F. p.110.



causaprópria. Tal ideal parece expressar uma auto-contradição, na medida em que nós parecemos encontrar nele a ação da vida operando contra a vida. Nietzsche argumenta, no entanto, que esta realidade analisada sob as perspectivas fisiológicas e psicológicas se torna equivalente a um disparate.

Na seção 13 do terceiro ensaio, ele sugere que, em uma análise mais aprofundada, a contradição acaba por ser apenas aparente, “deve ser uma espécie de expressão provisória, interpretação, fórmula, arranjo, incompreensão psicológica de algo cuja verdadeira natureza por muito tempo não pôde ser compreendida”<sup>30</sup>. Seu argumento é que o ideal ascético tem a sua fonte ou origem no que ele chama de “instinto de cura e proteção de uma vida que degenera”<sup>31</sup>. O ideal indica uma parcial exaustão fisiológica, em face da qual a “os instintos da vida mais profundos, permanecidos intactos, incessantemente combatem com novos meios e invenções”<sup>32</sup>. Os valores dos ideais ascéticos se comparam, com efeito, a um truque ou artifício para a preservação da vida. A interpretação de sofrimento desenvolvido pelo ideal ascético para um longo período de tempo já conseguiu fechar a porta a um niilismo suicida por dar à humanidade um objetivo: a moralidade. O ideal adicionou novas dimensões e camadas para o sofrimento, tornando-o mais profundo e interno, criando um sofrimento que corrói mais intensamente a vida e se insere dentro da perspectiva da culpa metafísica-moral. Mas esta economia da vontade foi vencida à custa do futuro e promoveu um ódio das condições da existência humana. Ela expressa um “medo da felicidade e da beleza, o anseio de afastar-se do que seja aparência, mudança, morte”<sup>33</sup>. O homem finalmente “preferirá ainda querer o nada a nada querer...”<sup>34</sup>.

Como pudemos constatar no capítulo precedente, quando analisamos todo o desenvolvimento do pensamento de Nietzsche acerca da moral e seus valores do bem e do mal, ficou evidente qual é a concepção do filósofo: o homem é um ser que constrói os valores na história.

---

<sup>30</sup> Ibidem., p.101.

<sup>31</sup> Ibidem.

<sup>32</sup> Ibidem.

<sup>33</sup> Cf. Nietzsche, F. 2009., p.140.

<sup>34</sup> Ibidem.

### 3. ESTATUTO ONTOLÓGICO DE VALOR

Neste terceiro capítulo iremos apresentar de acordo com o pensamento do filósofo Battista Mondin o estatuto ontológico de valor, qual sua realidade e como ele existe em si mesmo. Posteriormente, iremos aprofundar nos desdobramentos dos valores morais dentro da própria estrutura do ser humano, tais como a bondade moral, a consciência humana, as paixões e virtudes e o amor. Esta análise visa primordialmente defender a realidade ontológica dos valores morais, visto que eles foram apresentados por Nietzsche como produção humana.

Quando falamos do estatuto ontológico de alguma coisa, estamos nos referindo ao ser de uma coisa, à sua real consistência. Por isso, a pergunta que a questão dos estatutos dos valores nos impõe é esta: “O que são os valores em si mesmos?”. Quando dizemos que uma coisa é em si mesma, não precisamos realizar grandes raciocínios. Basta um olhar atento ao que está ao nosso redor: são entidades reais uma casa, uma mesa, a lua. Entretanto, precisamos estabelecer uma distinção objetiva entre o que são os valores e o que é valor. Segundo o autor, os valores são todas as coisas que participam na qualidade de valor. Por outro lado, o valor é a qualidade pela qual uma coisa ou ação possui dignidade, é merecedora de consideração, apreço, respeito.

Nosso objetivo é apresentar o estatuto ontológico do valor como tal. Muitas foram as discussões no século passado sobre o estatuto ontológico do valor, as soluções a que chegaram os pensadores foram contrastantes e desiguais. Por um lado, a primeira delas afirma que os valores são entidades objetivas, ideais, subsistentes em si mesmas (Lotze, Windelbrand, Scheler, Hartmann). Contrariamente, outra admite que os valores são apenas sentimentos, não têm realidade própria, existem como disposições ou aspirações da psique (Meinong, Ehrenfelds, Freud). Outros ainda consideram o valor com o transcendental do bem. Estas variedades de compreensões nos conduzem a uma indagação: elas chegaram a esgotar o valor em si mesmo?

O valor é um transcendental, pertence ao ser como tal, ele está presente em cada coisa como os outros transcendentais (unidade, bondade, verdade e beleza). Contudo, entre

os transcendentais o valor tem um lugar distinto dos demais, o valor é a dignidade de uma coisa, não a verdade, a bondade, a beleza. Portanto, o valor apresenta a dignidade de uma coisa, causando em nós a estima, nos conduzindo à sua valorização. O valor também possui uma característica fundamental, sua coextensividade com o ser: onde existe o ser, existe o valor e onde existe o valor, existe o ser. Portanto, o valor possui objetividade, está radicado no ser. Como transcendental ele está intimamente ligado ao ser. Ele é objetivo, porque não pode ser uma invenção do arbítrio humano, fruto de sua psique. É claro que existem valores que foram criados pelo homem, mas não o valor como propriedade fundamental do ser.

O homem pode, com sua inteligência e vontade, construir coisas, objetos mas não pode produzir seu valor. Sua capacidade criadora se dirige exclusivamente aos objetos, não aos seus valores. Por exemplo, o homem pode criar o rádio, mas não o valor da comunicação. Além desta realidade, quando o homem se depara com certos valores, há em seu ser a sensação clara de não ser seu criador, nem seu proprietário. Antes, os valores como a bondade, o amor, a sabedoria, a verdade e a justiça são como que guias dos homens, porque seu fascínio provoca, estimula, atrai, eleva e enriquece qualquer pessoa. São os valores que contribuem para o crescimento do ser do homem. Não há dúvidas que o homem tem o poder para descobrir os valores, mas não lhe foi concedido o poder de criá-los.

Contudo, para que um valor seja apreciado, requer que alguém o aprecie. Por isso, além de seu caráter objetivo, o valor também possui um caráter subjetivo. Somente um sujeito, através de sua inteligência, pode apreender um valor. O valor objetivo requer uma capacidade para ser reconhecido.

A dignidade do ser e dos entes, da natureza e dos animais, da família e da pátria, do homem e a dignidade de Deus é, sem dúvida, objetiva, mas para captá-la é necessária uma adequada educação da faculdade de apreciação por parte do sujeito, por parte do homem.<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> Cf. Mondin, Battista. **Os valores fundamentais**; tradução Ir. Jacinta Turolo Garcia. – Bauru, SP : Edusc, 2005., p.31.

### **3.1. VALORES MORAIS**

Queremos neste capítulo apresentar a realidade dos valores morais. Ao longo do século XIX e XX foram muitos os pensadores que colocaram em dúvida sua realidade, ou que distorceram-na ao se basearem em compreensões reducionistas do homem. Primeiramente vamos compreender a realidade da bondade como valor moral. Para melhor entendermos este valor, precisamos relacioná-lo com as ações práticas do homem. Pois é principalmente no homem que se dá a manifestação do juízo dos valores. Analisaremos, portanto, o papel importante que desempenham a consciência, a paixão, a virtude e o amor, nesta dimensão da vida humana.

### **3.2. BONDADE**

A bondade pode ser compreendida por duas distinções: a bondade ontológica e a bondade moral. Todos os seres que compõem o universo, tudo aquilo que possui realidade, cada ser existente possui a bondade em seu ser, juntamente com a verdade, a beleza. O ser de cada ente possui estas realidades transcendentais, uma vez que designam distintos ângulos pelo qual o ente pode ser captado por um ser racional. A bondade moral relaciona-se com o ser mais perfeito da natureza, o homem. É a bondade moral que direciona o homem ao seu fim último. “Levam o peso da bondade moral o fim, as coisas, as circunstâncias e as ações, isto é, os atos humanos realizados livre e conscientemente.”

As ações são o meio que o homem dispõe para realizar seu projeto de humanidade em seu valor absoluto. No homem existem estruturas que o capacitam a reconhecer a bondade e conceder-lhe o peso e a autoridade que lhe são próprias. Mondin reconhece que:

(...) por este motivo, a constelação axiológica da moral abrange, primeiramente, valores noéticos que ajudam a razão axiológica das várias ações a que o homem é chamado a realizar em sua vida: a consciência, a lei natural, as leis positivas, as tradições e os costumes.<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup>Cf. Mondin, Battista. 2005., p.154.

Destarte, o homem é igualmente capaz de reconhecer a bondade dos atos que deve realizar, o instrumento que lhe concede tal capacidade é a consciência.

### **3.3.CONSCIÊNCIA**

A consciência é a faculdade que indica ao homem aquilo que o ajuda ou não em absoluto. Ela informa ao homem tudo o que contém em si o bem ou o mau, ela o informa inevitavelmente se uma ação é boa ou má. Diante dela não pode haver equívocos, pois ela direciona o homem ao seu dever de realizar ou evitar tal ou qual ato, ela aprova ou reprovava suas ações.

Portanto, a consciência conduz o homem a descobrir seu próprio valor e sua única vocação, a plena realização de si mesmo, do projeto da humanidade e do próprio valor. Esta dimensão constitutiva do ser humano tem como finalidade última lhe indicar quais são os meios pelos quais o homem se aperfeiçoa ou se degrada, o que ele deve fazer ou evitar para atingir seu fim.

Não obstante, surge em nosso tempo inúmeras dificuldades movidas por pensadores ou ideologias que querem destruir esta estrutura constitutiva do homem. O autor BattistaMondin apresenta quais são os critérios utilizados para tentar sufocar a consciência do homem da nossa época:

Infelizmente, a cultura materialista, sensista e hedonista do nosso tempo fez todo o possível para tirar das pessoas a consciência, colocando a dúvida sobre o seu valor, ou apresentado-a como uma tara herdada das gerações supersticiosas e ignorantes do bem e do mal, alienou-se profundamente, ensinando-lhe uma imensa hierarquia de valores, na qual se dá o primado aos valores do ter, do prazer e do poder no lugar dos valores do ser e do amor (...) Essa cultura desumana e diabólica fez estragos cruéis nas consciências, tornando-as obtusas e insensíveis a cada verdadeiro bem, até o ponto em que já não se percebe mais a malícia até em ações mais perversas e abomináveis como o homicídio, o aborto, o estupro, o adultério.<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup>Cf.Mondin,Battista. 2005., p.156.

Quando sufocamos a consciência, impedindo-a de orientar as ações humanas, com a clarividência que lhe é própria, terminamos por embrutecer e barbarizar o homem. O homem possui um valor que o distingue de todos os outros seres, sua capacidade racional. Esta união íntima no interior do homem, entre reflexão e consciência, orientam a vida humana, se estas lhe forem tolhidas, tornar-nos-emos incapazes de defender a dignidade do homem e seu absoluto valor.

Premente se faz a necessidade da recuperação da consciência e seu valor, a negação da dimensão espiritual humana tem como conseqüência última a redução do homem a um animal qualquer, cuja vida se torna objeto manipulável, sendo passível de ser descartada como lixo. Infelizmente a humanidade experimentou com a dor os infelizes eventos que marcaram o século XX: os governos ditatoriais e o holocausto do povo judeu, entre outras formas de exploração humana que ainda perduram em nossos dias. A tarefa principal desta geração é resgatar a verdade acerca do homem, reconhecendo sua estrutura espiritual, fonte de sua dignidade e valor.

### **3.4.PAIXÃO**

Por paixão entende-se uma inclinação colocada pela natureza no coração do homem. Esta dimensão não se caracteriza como um instinto afetivo, mas como forte inclinação em direção a um bem, diante da qual a vontade encontra dificuldades em lhe exercer algum controle. As paixões são, portanto, inclinações veementes.

São muitas as compreensões acerca desta expressão humana. Mondin apresenta três grupos distintos de pensadores e suas respectivas posturas diante da paixão. Portanto, há aqueles que a julgam negativamente, outros que a consideram como valor supremo e, por fim, um grupo que refuta considerar as paixões em si mesmas como valor ou desvalor. Estes admitem a existência de paixões boas e paixões más. Quando praticadas as boas, tornam-se virtudes. Quando praticadas as más, tornam-se vícios.

Concluimos, portanto, que o critério para determinar os valores das paixões não pode ser outro que o próprio homem. Devemos sempre analisá-las na perspectiva da

finalidade da existência humana, ou seja, elevar aquelas que elevam a vida e conter aquelas que ameaçam ou degradam o valor da vida e, como consequência direta, a harmonia social.

### 3.5. VIRTUDE

A definição clássica para virtude se entende como uma disposição firme e constante para agir bem. Admite-se que uma pessoa virtuosa é aquela que já consolidou uma inclinação ao bem. Dentro de toda a tradição ocidental considera-se como virtude, por exemplo, um homem que guarda a castidade, que consegue ser generoso diante de uma necessidade alheia, ou um soldado que, ao encontrar um companheiro em perigo de vida, se arrisca para salvar a vida alheia, expressando assim sua coragem.

Hoje, em muitos ambientes esta virtude se encontra eclipsada pois já não se infunde na juventude uma educação que prime por um desenvolvimento das virtudes humanas. Uma consequência para a negligência do cultivo da vida virtuosa culmina por gerar comportamentos sociais semelhantes ao dos animais. O homem cai, inevitavelmente, sob o pesado jugo reprovável do vício.

Quando perdemos de vista o projeto final da existência humana, não conseguimos levar o homem a sua realização plena. Naturalmente o homem anseia por atingir o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, para sair da sua condição de miséria e indigência. Por que negar a natureza espiritual da aquisição das virtudes, quando ela pode se desenvolver harmoniosamente com a natureza biológica? Mondin expõe com clareza qual é a finalidade da virtude na vida do homem:

A virtude é a condição *sinequa non* para alcançar o verdadeiro bem, o fim último, a felicidade e o que se quer dizer com essas palavras é a plena realização de si mesmo, do próprio ser, do próprio projeto de humanidade e do próprio absoluto valor. Essa simples verdade sempre fez parte da sabedoria filosófica de todos os povos e de todos os tempos.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Cf. Mondin, Battista. 2005., p.160.

Veremos qual a virtude que se sobressai sobre todas as virtudes humanas, e como só ela é capaz de coroar os esforços da humanidade em reconstruir uma concepção integral do homem. Esta virtude é o amor.

### **3.6.O AMOR**

A inversão de valores operada por Nietzsche em sua filosofia já está operando na vida da sociedade atual. Hoje, a compreensão acerca da virtude do amor não ultrapassa a dimensão da paixão sexual, do amor vinculado às satisfações dos sentidos, ou do prazer passageiro condicionado pelos bens materiais.

O amor humano em sua validade objetiva se pauta nos vínculos profundos de amizade e confiança estabelecidos entre as pessoas. Essa relação ultrapassa a dimensão entre indivíduos singulares, expandindo-se a toda a sociedade humana, atingindo as famílias, as cidades e as nações. A virtude do amor pode ser alcançada quando existe uma educação que ultrapasse os limites do respeito que mais se assemelha à prática da tolerância.

Através da liberdade o homem é capaz de exercer a virtude do amor. Liberdade e amor não são etapas separadas sucessivas de um processo, porque são inseparáveis. Não se pode pensar que o homem livre deva escolher entre amor e egoísmo: o homem que não escolheu o amor não é livre; e quem escolhe o egoísmo não é livre; o homem que decide fazer “aquilo que quer”, em realidade faz só aquilo que querem forças externas ou internas, não ele mesmo. O egoísmo reprime as possibilidades mais belas e maiores. Por isso as concepções egoístas ou hedonistas da liberdade são repressivas. O egoísmo é uma forma de dependência alienante, inclusive quando se apresenta em nome da liberdade. Dependência dos instintos, aos quais se dão livre curso, e pelos quais se é manipulado.

Segundo São Tomás de Aquino amar é “querer o bem para alguém”.<sup>39</sup> Todo amor autêntico é incondicionado, desinteressado e fiel. Incondicionado porque se dirige para o outro não por aquilo que tem, mas sim por aquilo que é. Desinteressado, porque não

---

<sup>39</sup>Cf. Tomás de Aquino, **Summa Theologica**, I-II, q. 26, a. 4.



procura o próprio bem com detrimento da outra pessoa. O amor é, além disso, fiel a uma pessoa concreta: não se trata de uma fidelidade abstrata e vazia.

O amor é a realização mais completa das possibilidades do homem. Estas encontram nele a plenitude maior do próprio ser.

Finalizando nosso trabalho, podemos realizar a seguinte reflexão: Nietzsche estabelece que os valores morais são puramente criação humana. O autor, filho das transformações ocorridas no pensamento moderno, positivismo, racionalismo deposita demasiada confiança na capacidade do homem, ele não é capaz de transcender a matéria biológica. Ora, se partimos de seus princípios negaremos a existência ontológica dos valores, romperemos com seu realismo absoluto.

Portanto, como o homem é contingente, não pode criar algo absoluto, se os valores são absolutos, não podem ser criados pelo homem, mas apenas reconhecidos por ele. Defendemos, por conseguinte, a primazia dos valores morais, existentes nos seres criados pelo Ser Absoluto e não pelo ser contingente. É no íntimo do seu ser que o homem é capaz de reconhecer a existência do Bem e do Mau porque ele é um espírito encarnado. A lei moral está gravada em sua alma, e a força do pensamento não é capaz de alterá-la.

## CONCLUSÃO

Realizado o estudo da crítica do filósofo sobre a moral, concluímos que sua abordagem foi baseada em uma concepção subjetiva no que se refere à origem da invenção do conceito da moral. Seu pensamento desenvolve-se apresentando as transformações subseqüentes dentro do conceito, operadas principalmente pelo ressentimento dos escravos contra seus mestres. Posteriormente analisamos como ocorre a formação da consciência corrompida pelo conceito de pecado. Progressivamente o homem vai se tornando vítima das influências das religiões, destacando o judaísmo, o cristianismo e o budismo. Outro elemento principal está no papel dos sacerdotes ao agregar sentido ao sofrimento humano. Através dos ideais ascéticos, esta dimensão da vida ganha novo sentido, agora com valores transcendentais. Nietzsche não se conforma com a estrutura da religião positiva; segundo sua concepção a religião e suas práticas ascéticas eliminam do indivíduo o desejo de vida. Como consequência, o filósofo reage contra esta postura negadora da vida, seu desejo é salvar o homem através da negação dos valores inventados e dos quais eles mesmos se tornaram vítimas.

Nosso objetivo, ao propor o pensamento do filósofo Battista Mondin foi de apresentar uma argumentação fundamentada na tradição da filosofia realista sobre a realidade ontológica dos valores humanos. Sua argumentação se fundamenta nestes princípios que posteriormente encontram no homem a estrutura para reconhecê-los com tal. Nossa análise visa a apresentar o homem como espírito encarnado, contrapondo a visão materialista de Nietzsche que enxerga o homem apenas como um ser biológico. Sendo assim, admitimos a capacidade do homem de exercer sua liberdade juntamente com sua consciência e vontade de avaliar o mundo e suas próprias ações, reconhecendo nelas sua verdade e seu valor absoluto.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Tomás de. *Summa Theologica*, I-II, q. 26, a.4.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche A Transvaloração dos Valores*. São Paulo: Editora Moderna, 1993.
- MONDIN, Battista. *Os valores fundamentais*; tradução Ir. Jacinta Turolo Garcia. – Bauru, SP : Edusc, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da moral: uma polêmica*; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009
- REALE, G. *História da Filosofia, 6: de Nietzsche à Escola de Frankfurt*; tradução Ivo Storniolo. – São Paulo: Paulus, 2006.